



**COMUNIDADE  
QUILOMBOLA  
MALHADINHA:  
TRADIÇÃO, CULTURA  
E TERRITORIALIDADE**

**PNCSA**

Projeto Nova Cartografia  
Social da Amazônia



# PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA - PNCSA

## PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO TOCANTINS

COORDENAÇÃO GERAL: ALFREDO WAGNER E ROSA ACEVEDO

### COMUNIDADE QUILOMBOLA MALHADINHA: TRADIÇÃO, CULTURA E TERRITORIALIDADE

#### COORDENAÇÃO

Paulo Rogério Gonçalves  
Maria Aparecida Ribeiro de Sousa

#### EQUIPE DE PESQUISA

Paulo Rogério Gonçalves  
Maria Aparecida Ribeiro de Sousa

#### CARTOGRAFIA E MAPAS

Alcindo Alves Patrício Castro

#### FOTOS

Paulo Rogério Gonçalves  
Maria Aparecida Ribeiro de Sousa  
Victor Ramalho da Silva  
Arquivo fotográfico da Comunidade  
Quilombola Malhadinha

#### PROJETO GRÁFICO

Andréia Gualberto

#### ASSOCIAÇÃO DOS MINI E PEQUENOS PRODUTORES DA MALHADINHA

Presidenta: Marlene Araújo Dias  
Vice-presidenta: Eleni Ribeiro de Sousa  
Primeiro secretário: Lucas César Ribeiro  
Segunda secretária: Santina Sousa Dias  
Primeiro tesoureiro: Juraci Araújo  
de Sousa  
Segundo tesoureiro: Gederson Moreira  
César

Conselho Fiscal: Paulo Ribeiro de Souza  
Simone Araújo Dias  
Irisneide Rocha Ribeiro  
Gilney Dias da Silva

#### MEMBROS DA COMUNIDADE QUE PARTICIPARAM DA ELABORAÇÃO DO CADERNO

Adelson Moreira Ribeiro  
Ademir Mendes da Silva  
Antônia Moreira de Sousa  
Ariadne Cezar Nogueira  
Carmosina Francisca Soares  
Casemiro Ribeiro de Souza  
Domingas Mendes da Silva  
Domingos Canuto de Sousa  
Eduardo Gabriel Ribeiro da Silva  
Evanir dos Reis Araújo Moreira  
Gederson Moreira Cezar  
Gerson Moreira Ribeiro  
Gildete Araújo Dias  
José Ribeiro de Souza Neto  
Madalena dos Reis Araújo  
Maria da Luz Dias da Silva/Dona Roxa  
Marlene Araújo Dias  
Nazaré Pinto Borges de Sousa  
Rufina Ribeiro  
Sandoval Araújo Dias

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gonçalves, Paulo Rogério  
Comunidade quilombola Malhadinha: tradição, cultura e territorialidade / Paulo Rogério Gonçalves, Maria Aparecida Ribeiro de Sousa ; fotos Paulo Rogério Gonçalves...[et al.]. -- Palmas : Alternativas para pequena agricultura no Tocantins - APATO, 2021.  
38 p.

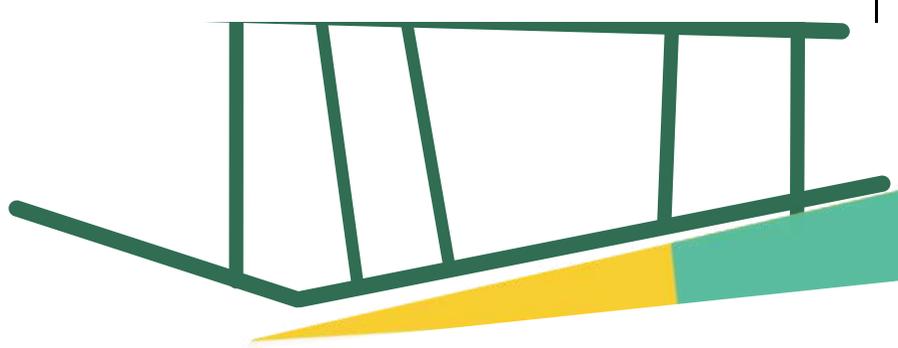
ISBN: 978-65-995635-1-5

1. Quilombos - Palmas (TO). 2. Território quilombola.  
3. Comunidades quilombolas. 4. Povos e comunidades tradicionais.  
5. Cartografia social. I. Sousa, Maria Aparecida Ribeiro de.  
II. Gonçalves, Paulo Rogério, fotos. III. Título.

CDD-981.04

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213  
(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático:  
1. Quilombos 981.04



## COMUNIDADE QUILOMBOLA MALHADINHA: TRADIÇÃO, CULTURA E TERRITORIALIDADE

A Comunidade Quilombola Malhadinha está situada no município de Brejinho de Nazaré, na história da consolidação do seu território temos a mineração, a criação de gado a solta, o extrativismo e a agricultura. A comunidade construiu toda uma cultura tradicional firmada em práticas religiosas, rezas, folias de Reis e do Divino e tantas outras.

Todos antepassados e presentes participaram e participam da vida da comunidade, no entanto é importante destacar o seu Marcelino Ribeiro de Sousa, famoso folião, contador de histórias e memória da comunidade. Seu Marcelino foi o primeiro quilombola do Estado do Tocantins levado pelo Coronavírus, que Deus guarde seu espírito, que nós guardaremos sua memória para sempre.

**Esse caderno é dedicado a memória de seu Marcelino Ribeiro de Sousa (12/05/1933 – 05/07/2020).**



ANTÔNIA MOREIRA DE SOUSA

“Toda a vida teve os lugares de morada, chama aqui de Morro Redondo onde nós mora, meu tio morava na Malhadinha Velha, hoje é o Barreiro, lá era as tapera dos meus avôs, era tudo lá, meu avô Vitorino, morava tudo lá de primeiro.”

**Sandoval Araújo Dias**

“A história da Malhadinha é porque os moradores moravam em outra fazenda, lá para serra, e todo dia o gado descia para malhar naquele lugar, e onde trouxe o nome da comunidade de Malhadinha. Avó do Donato, mãe do Miliano, era escrava ela tinha um dedo cortado.”

**Domingas Mendes da Silva**

“O certo é que encontraram um documento da minha miseravó, da tataravó do meu pai, chamada Ismênia de Araújo, que foi ferrada, era escrava ferrada, pertencia a um dono que veio da Bahia para cá, segundo a história montada no lombo de um burro.”

**José Ribeiro de Souza Neto**

“Sempre toda vida eu morava na Malhadinha, na Malhadinha Velha, que daqui para Sucupira afora o povo chamava de Malhadinha. Morei no Sapateiro quando tinha uns 7 anos, depois meu pai veio vindo para cá, morou no Morro Redondo, onde é a casa da Marlene, meu pai era o Paulino Ribeiro de Souza.”

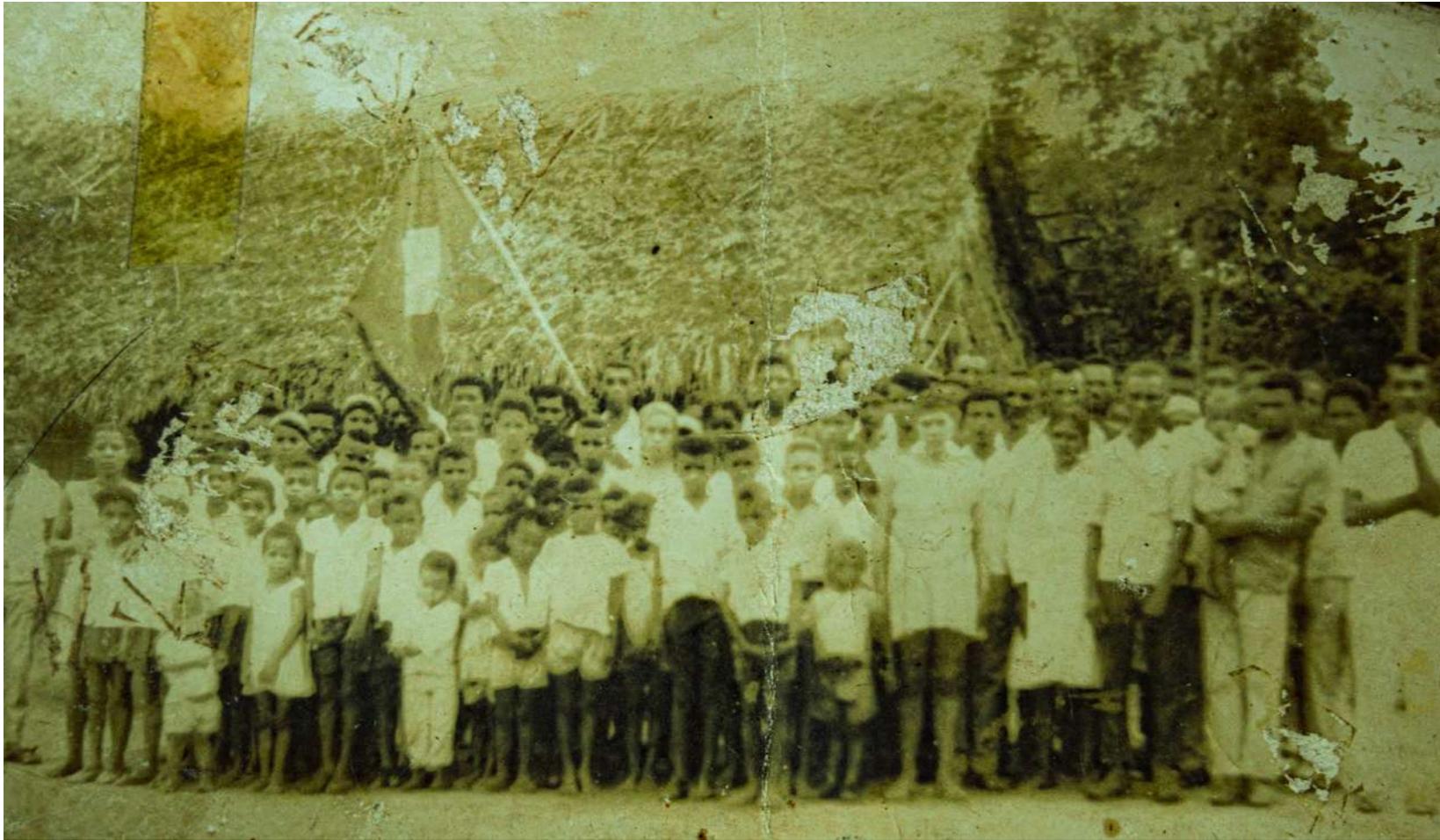
**Carmosina Francisca Soares**

“Aqui morava Miliano no Morro Redondo, Vitorino, pai do Miliano, a velha Jozefa que era viúva, o Necretto, compadre Zequinha morava bem aqui, compadre Homero, Apolônia, Aristeu, Zé Mamede, Donato lá, a veia Rosa, Lina, Zé Grande, velho João do Araújo morava de lá, não tinha mais ninguém. A Mãe do pai do Valdir era escrava e o Donato era neto de uma escrava, a Ismênia.”



CASEMIRO RIBEIRO DE SOUZA E  
CARMOSINA FRANCISCA SOARES

“Ismênia, ela veio da Bahia, eles ferraram ela na Bahia mesmo, aí trouxeram ela para cá, na Carreira Comprida ela trabalhou, com seu de Neneco Pedreiro, ele trouxe ela. Era avó do meu pai, mãe da mãe dele, a Madalena.” **Madalena dos Reis Araújo**



PRIMEIRA ESCOLA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MALHADINHA, FOTO DA DÉCADA DE 60

FAMÍLIA RIBEIRO DE SOUSA



## A VIDA NO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MALHADINHA

### O território, as terras

“Quando chegaram aqui isso era brabo, eu lembro, quando eu cheguei era menino, que eu já nasci por aqui, isso aqui era muito diferente, isso aqui era mata, você tinha medo de andar de uma casa para outra, isso aqui onde eu moro era um cerradão, aí era uma lagoa que enchia, parecia um rio, o povo pegava peixe aí, não tem mais, cabou.

Tinha o boqueirão que nós trabalhava, hoje é do Mauro Doido, mas nós trabalhava para lá de Florentino. Meu sogro Zequinha trabalhava nesse boqueirão que hoje é do Mauro Doido, pro lado de cá meu tio que era Donato, meu pai lá no fundo, Paixão morou no Cabavida, hoje é Edmilson. Aí com nós sê vaqueiro na fazenda Landi, quando nós veio, veio para o Morro Redondo, situemo aqui e trabalhava no Cabavida. Aí foram começando essa briga por mode de terra, aí cortou, cada quem pegou seu pedacinho, foi no governo Avelino em 1992, papai saiu com 14 alqueire e umas tarefas, Paixão saiu com 30 e pouco. Quem cercava mais tinha mais, aqui foi cortado assim, por cima da cerca, quem tinha esse tanto de cercado era o dono. Mas os velho não ligava para isso, saía na porta e abria os braços, daqui até tal lugar ciclano é nosso. Isso eu conheci ainda, o velho Mamede, meu avô Vitorino, Vitorino Araújo Dias, fazendo isso.

Aqui não brigaram com os fazendeiros, aqueles que ia criando mais condição, que era mais usurento<sup>1</sup> que brigava, seu Roque Pinto, enricou mais, queria ser o dono de tudo, é o pai do Zeca Pinto, dono das terras do Cajamunum. No Cajamunum ficam os filhos do Zeca Pinto. O velho disse que tinha comprado essas terras, comprou, e passou o Zeca para ali, comprou direito daquele povo mais antigo. Tinha senhora de Romana, que tinha essa daquele povo do Ribeirão, a Romana tinha um direito aqui dentro porque também era desses povo refugiado, dos quilombolas.

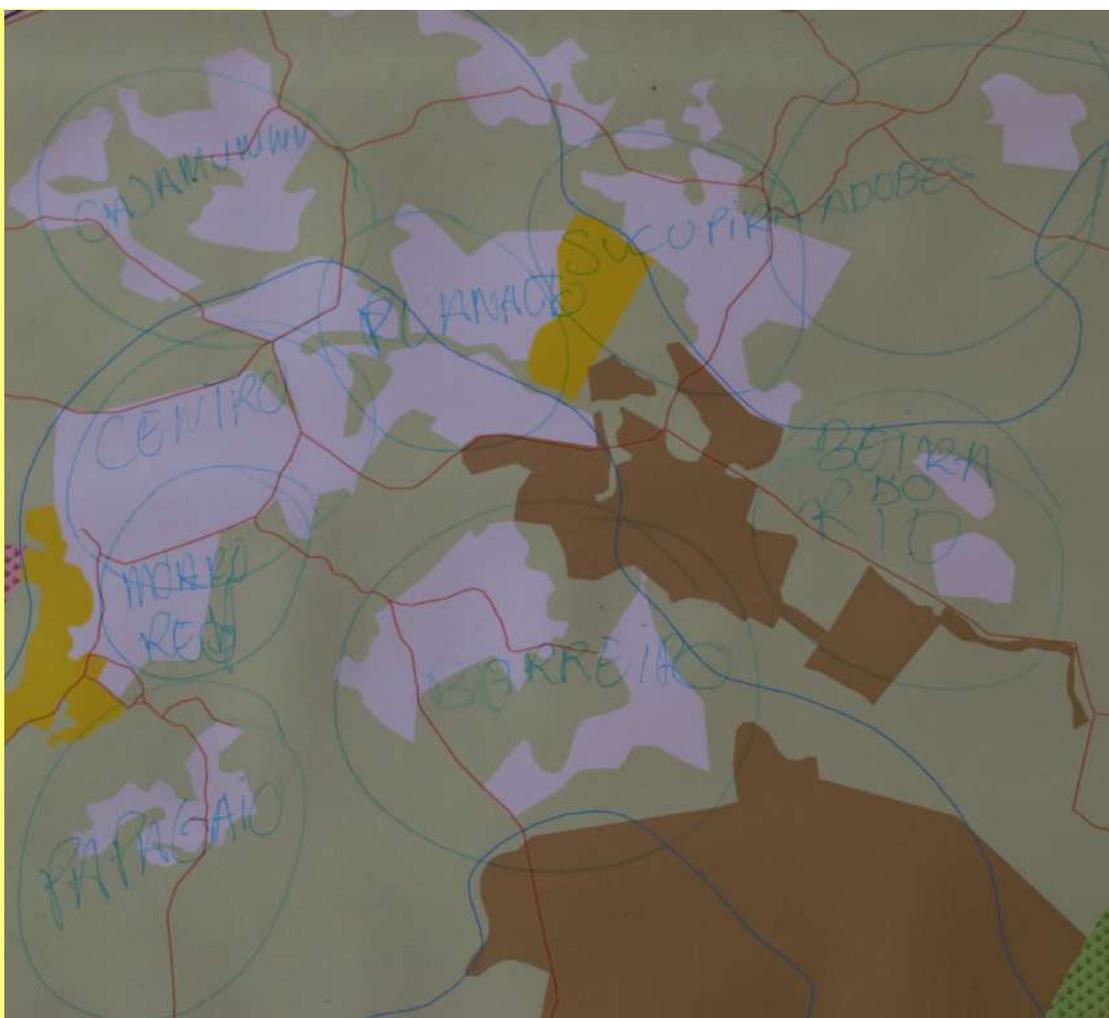
Esse povo da Landi, era os coronéis, o coronel Dirico era quem comandava esse mundo afora, daqui para Barreiro, essa beira de rio aí ele que mandava. Tinha o padre António, ele tinha três irmãs, ele deu para elas, esse Landi era dessas moças, isso tem mais de cem anos. Eles chegaram dizendo que era deles.” **Sandoval Araújo Dias** \_\_\_\_\_

Vivi vaquerando para aqui, para acolá, e o marido comprou esse aqui, viemos para aqui, compramos essa terra.” **Rufina Ribeiro** \_\_\_\_\_

“De primeiro plantava para aqui, para acola, não tinha dono de terra, os dono era tudo voluntário, plantava onde você queria fazer uma roça.” **Antónia Moreira de Sousa** \_\_\_\_\_

<sup>1</sup>Usurento: quem quer além do que pode ou precisa.

## REGIÕES DA COMUNIDADE



“Quando eu era menino, aqui os ricos mandava, tinha um velhinho, um senhor de Mamede, aqui ele abria os braços, daqui pra acola tudo é meu. Se botasse uma roça lá no Cabavida ele cobrava a renda dela, se botasse uma roça no Cajamunum, ele cobrava a renda dela, mas não tinha nada cercado, não tinha documento, não tinha nada, mas como ele era mais rico, ele que ficava com o lucro de todo mundo. Era dos Araújo, aqui de dentro, tinha o Vitorino também, eram fundador daqui de dentro, nasceu e morreu aqui, esses Araújo era os mais forte. Aí chegou meu bisavô de Ponte Alta, era Ribeiro, minha avó era Lopes, mãe do meu pai.



PASTAGEM NA REGIÃO DO BARREIRO

Quando meu bisavô chegou já tinha gente aqui. Meu pai contava que tinha o coronel Dirico, era o mais rico que tinha aqui na região, era fazendeirão, morava no Porto, os vaqueiros é que cuidavam do gado dele.

A fazenda Landi, o Luciano Junqueira comprou essa terra, que era do Dudu Negre, que comprou do Nogueira.

Os Ribeiros, os Araújo, os Pereiras, Lopes, tudo era conhecido, não tinha terra documentada, todo mundo tinha respeito com todo mundo.

Com o território quilombola vai ficar como era, vai respeitar o seu serviço, onde tiver cerca, onde tiver pasto beneficiado você respeita, você não pode entrar no lote do outro tendo trabalho pronto. Se é coletivo sabendo quantos alqueires tem na área, quantas pessoas tem, fala você tem tantos alqueires, cada um trabalha dentro do da gente, eu quero plantar, não crio gado.

Nós não tinha terra, hoje tem esse 1 alqueire e 6 tarefas, Usucapião, quando botava roça era de meia, nos boqueirões.” **Gerson Moreira Ribeiro**



REGIÃO DO ADOBE

“O estudo antropológico foi feito, mas está parado, eu estive no INCRA em 2017, eles estavam com nosso processo para ser digitalizado, mas não se deu nenhum andamento, eles alegam que o governo federal não tem recurso para fazer as indenizações aos fazendeiros que moram dentro do quilombo, para fazer a titulação do território.” **Marlene Araújo Dias**

### As roças, o extrativismo

“Trabalhei no Cabavida fazendo farinha, catando buriti, rapando buriti, na roça era apanhando algodão. Eu plantava na roça, colhia, fazia minha linha, fiava, tecia, eu tinha meu tear, depois fazia rede, cobertura, eu criei meus menino tudo foi com cobertura de algodão, rede, até roupa. Eu também usei roupa de algodão, vestido, saia, minha mãe fazia, hoje faço tapete com molambo, com pano, vendo de 40 reais.

Minha mãe ficava em casa, nós ia na roça com meu pai, eu fazia coivara, ciscava, tinha aquele cisco para queimar, e cuidava disso tudo. E casei foi a mesma coisa, meu marido derrubava uma rocinha, em vez de ficar sozinho eu que ia, deixava os meninos em casa e ia para a roça, de enxada a machado eu levava. Eu vinha cozinhar, ia lá trabalhava um pouco e vinha cozinhar, quando os meninos estavam pequeno.

Aí a filha mais velha foi ficando mais grandinha e eu deixava ela, dizia minha filha faz o arroz que quando eu chegar faço outra coisa, deixava o feijãozinho no fogo, quando eu chegava eu temperava. Naquele tempo as carnes eram secas no sol, assava ou fritava para ir logo para a roça e comia lá, criava mofo nas carnes, era gostoso demais carne assada.



CARMOSINA FRANCISCA SOARES

Meu pai plantava arroz, milho, mandioca, andu, feijão, hoje também. Levava os mantimentos em Porto Nacional e trocava por carne, café, açúcar, essas coisas, e era café cru, quando chegava ainda ia torrar esse café, pisar no pilão e coar na peneira. Meu marido, depois que casou, cansou de levar arroz, pilava no pilão e levava e trocava lá nas quitandas. Não mexia com dinheiro só produto.”

**Carmosina Francisca Soares**

“Aqui era tudo mata fechada, roçava, derrubava para plantar. Criava gado, plantava arroz, mandioca, milho, inhame, banana, na roça de toco, criava galinha, porco, tudo plantava, pra cume, fazia farinha para vender em Porto Nacional. Passava na canoa dentro do rio, remando, atravessava o rio, eu andei muito na canoa com meu pai, com carga de farinha no jumento. Hoje planta milho, mandioca, cria galinha, tem pequi ali no varjão.” **Rufina Ribeiro**

“A vida aqui era arrancar mandioca, rala no ralo, torar farinha, mexer com roça, plantar roça. Na roça plantava a mandioca, o milho, o arroz, verduras, quiabo, abóbora, cana. Aí passou a plantar cana aí no brejo, antes aí plantava arroz, tinha um engenho de pau bem ali, tocado no boi, isso foi de 1962 para cá. Antes mexia com pinga, morava na fazenda ali no boqueirão, dentro da Malhadinha, no pé da serra, parente do Marcelo, depois que veio de lá que plantou cana aqui. O que nos plantava era nosso, mas ele plantava cana para fazer pinga, ele levava para a cidade, vendia aí.” **Antónia**

**Moreira de Sousa**

#### CRIAÇÃO DE PORCOS DO GILDETE ARAÚJO DIAS





CRIAÇÃO DE PORCOS DA MARIA DA LUZ  
DIAS DA SILVA/DONA ROXA



CACHO DE BANANA DA ROÇA DA  
FAMÍLIA RIBEIRO DE SOUSA

“Produzia de tudo, arroz, milho, feijão, aqui era bom de feijão, hoje a vaquinha não deixa, colhia umas 10 sacas, umas 50 latas de feijão, esse nos vendia em Porto Nacional, levava no jumento, cavalo, saia de madrugada.” **Sandoval Araújo Dias**

“Meu pai as vezes botava roça aqui, queimava essa roça, aí nos ia engarranchar, juntá os garrancho e queimar, aí ia carregar aquela madeira, fazia a cerca, nos ia plantar essa roça. Meu pai tocava no mundo, para ganhar dinheiro, chegava sem dinheiro, só trabalhando para outros, ora num recebia. Vinha para casa, chegava aqui já estava a roça plantada, nós que colhia essa roça, oito anos, seis anos já trabalhava no arroz. Depois que veio a tecnologia de cortar no cutelo, você pegava uma faca com uma forquilha e cortava o arroz, ainda não tinha cutelo era a faca.” **Gerson Moreira Ribeiro**

“Eu mexo com roça, planto abóbora, quiabo, planto tudo, antigamente eu gostava de plantar arroz, só que agora o povo já tá mais moderno, já tão querendo que sai do cacho limpo, e não sai, aí a gente tá comprando de pacote. Meu trabalho é esse mexer com lavoura, andar a cavalo, eu mexo com tudo aqui. Eu tenho roça de toco, de trator é mais difícil arrumar, todas as roças minhas é de toco.

Esse ano estou de plano fazer outra roça de toco, plantar tudo que eu tenho costume de plantar, arroz, feijão, milho. Para remodelar tem que ser de 4 a 5 anos. Tem pedaço pequeno de roça feita a máquina, a roça de toco é mais produtiva, porque bem queimada ele produz, ela crua você tem que botar adubo, ela queimada você bota só o que você vai plantar, o arroz, o feijão, o milho, não carece de botar nada na terra queimada produz tudo, produz o que você não planta, abóbora.

Planta a mandioca primeiro, depois planta o arroz no meio, o melhor é o Bicoganga, pode plantar o milho no meio, mas em carreirão, planta a mandioca, o arroz o milho tudo junto. Faz a colheita dentro de 5, 6 meses, colhe por último o milho, aí deixa descansar, você pode remodelar ano em ano, mas é na enxada, você sozinho é difícil dar conta. As vezes planto 5, 6 tarefas colho tudo no cutelo, e bato, do jeito que eu planto eu colho, nunca colhi de colhedeira, só no braço, e gosto de mexer com roça de toco.

Você acabou de colher o arroz você colhe o milho, a mandioca só vai ficar boa com 8 mês para ano, sê vai cultivando a mandioca, acabou de colher a mandioca, se for terra de toco ela está toda fofa, os toco está meio podre também, ai você pode gradear, as vezes o arroz dá melhor na terra mole. Depois de colher a mandioca eu planto milho solteiro, com feijão trepa pau dentro, outras vezes joga capim.” **Ademir Mendes da Silva**



ROÇA DE MILHO DA FAMÍLIA MOREIRA RIBEIRO

“Planta milho, mandioca, feijão miúdo, amendoim, andú, fava, abóbora, melancia, melão, a mandioca sempre para o consumo e para vender. Tira polpa de cajá, murici, acerola, buriti, para consumo e venda”.

**Domingas Mendes da Silva**

“Planto, colho, produz, tem a criação, vendo o leite, para suprir as despesas, tem o criatório do peixe também, que foi o pessoal da Malhadinha que fez um projeto, temos os peixes aí.



TANQUE DE CRIAÇÃO DE PEIXES DE DOMINGOS CAÑUTO DE SOUSA



DOMINGOS CAÑUTO DE SOUSA E NAZARÉ PINTO BORGES DE SOUSA

Planto mandioca, um bocado de lavoura, colho tudinho, só para o gasto, não vendo, tem os filhos, o consumo é aqui mesmo. Aí eu fiz um Pronaf pelo Banco do Brasil, em Brejinho, para comprar esse gado que tem hoje aí, vaca de leite, e nós estamos pagando o Pronaf. Tá dando para pagar. Aqui são 2 alqueires de terra, tem 1,5 alqueire de pasto, tenho Brachiaria, Mombaça, Massai, e Andropogon, que já é nativo aqui. Dou mandioca e cana para o gado. Tem galinha, porco, para consumo, mandioca, abóbora, banana.

A água é um problema, tem muito pouca, o corgo é muito longe e seca, só fica os poços, na seca tem que dá água até para o gado. Tem uma caixa grande que foi dado pelo governo aos quilombolas, com essa caixa cheia eu abasteço o gado sossegado, a noite eu encho a caixa, nunca usei com água da chuva.

Peixe é bom, para consumo, começou com um projeto aqui, fizeram um projeto, eu entrei no projeto, e fiz o tanque, o tanque é de tijolo, joguei a lona dentro e enchi de água, e tem um lá embaixo que fiz no chão.” **Domingos Canuto de Sousa**



CISTERNA DE PLÁSTICO, "CAIXA D'ÁGUA",  
DE RUFINA RIBEIRO XAVIER

"Tem um bocado de coisinhas aí, mandioca mansa, pimenta, maracujá, coco, pinha, milho, caju acerola, banana, peixes, cana, feijão miúdo, cebola, coentro, rúcula, inhame, batata, porcos, galinhas, patos, o que eu produzo aqui vendo tudo, vendo, como, dou, aqui é fartura. Trabalho sozinho, vendo no Brejinho, vendo aqui, vendo na moto. Quem quiser comprar trem que vem aqui, vem no sábado, no domingo, na quarta, eu atendo, eles compram aqui mesmo na minha mão, vem de tardezinha de manhã cedo, se eu não estiver aqui meu irmão entrega.



HORTA DO GILDETE ARAÚJO DIAS

Tenho 54 anos, sempre trabalhei na roça, comecei a trabalhar com 12 anos. Final de semana estou no plano vender buchada, chambari, peixe frito, vou vender aqui. **Gildete Araújo Dias**

Renda que eu faço, como outras mulheres daqui é o extrativismo, murici, mangaba, buriti, polpa e doce. Planta mandioca para fazer farinha, vende a farinha, o polvilho a gente não vende tanto, mais para o consumo, planta o milho junto, a gente não vende, mas é uma renda para quem cria galinha, e da cana-de-açúcar tem uma renda grande, a rapadura." **Ariadne Cezar Nogueira**

ROÇA DE CANA-DE-AÇÚCAR DA FAMÍLIA MOREIRA RIBEIRO

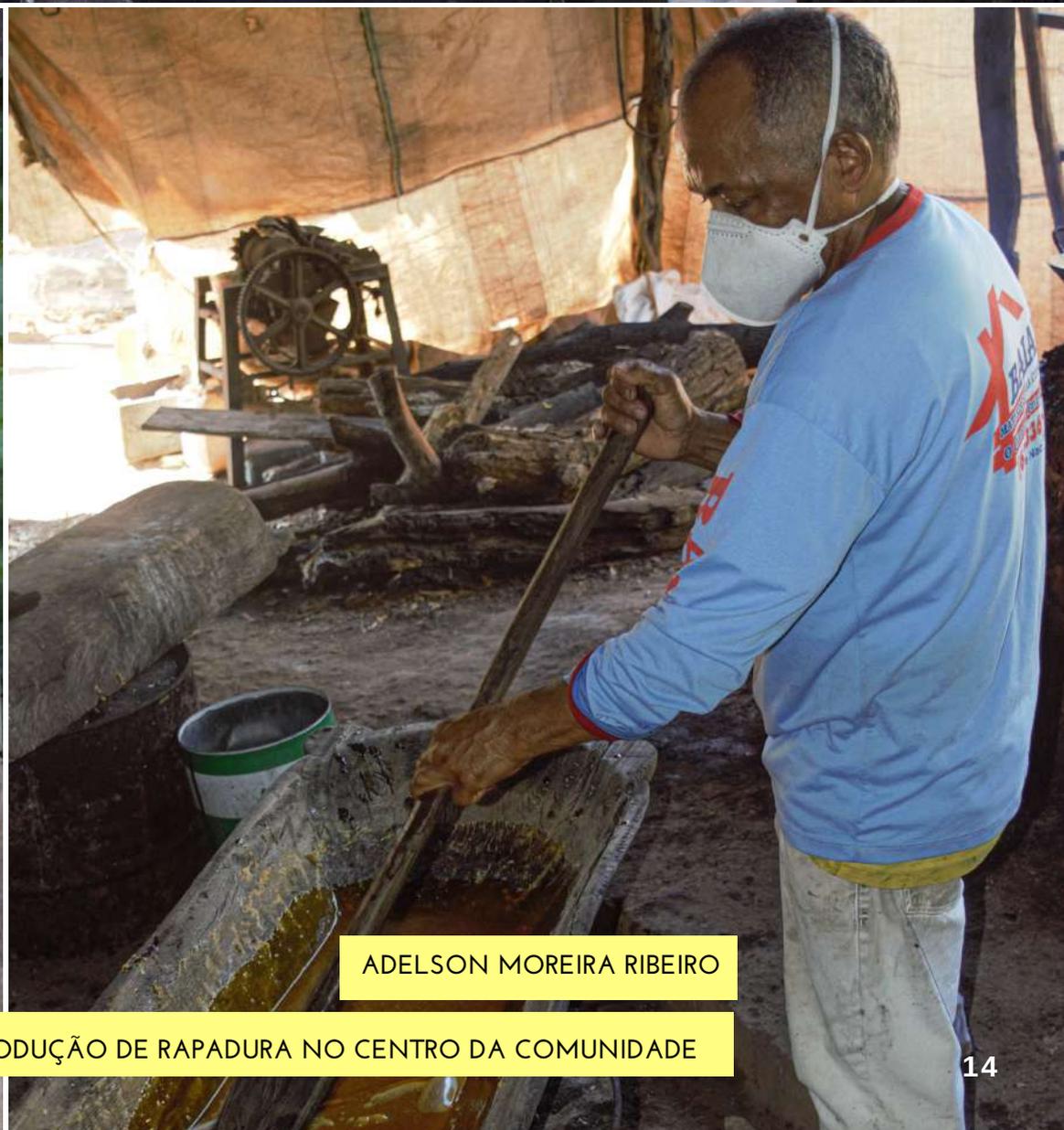


“Da grotinha para lá já dá salobra a cana, do lado de cá do corgo dá dura e preta a rapadura, meu irmão faz uma rapadura preta e dura, do corgo para a grotinha dá macia e doce, a cana. No fundo da roça dá salobra, é a terra, no Fulorzinho deu boa, no Luxinha deu boa, não dá macia mas da doce, não tem as. Lá no Papagaio dá salobra, no baixão de Zeca e Domingos dá salgada, no Luizinho dá doce, Claudio Lopes dá doce, e é tudo o mesmo corgo, nós moemo uma cana ali da beira do rio, ninguém comia a rapadura, salgado, mas a cana para chupar era doce, mas na hora que apura vira só sal.

Lá no meu tio no Papagaio deu salgada, meu tio que comprou o engenho, aí como deu ruim lá, preta, vermelha, testamos a terra aqui, deu boa, trouxemos o engenho para aqui. O engenho acabou, compramos outro de ferro e continuamos até hoje, desde 76 nós moi cana aqui. Para limpar a garapa, bate a casca da mutamba, bota de molho, aquela golda, quando você ferve a garapa a sujeira sobe, a golda fica em cima, aí a sujeira sobe e gruda na golda, aí passa com a telinha colhendo a sujeira que subiu e grudou na golda. Farinha de mandioca e rapadura é o que dá mais renda.” **Gerson Moreira Ribeiro**

GERSON MOREIRA RIBEIRO





ADELSON MOREIRA RIBEIRO

PRODUÇÃO DE RAPADURA NO CENTRO DA COMUNIDADE

## O gado, as criações

“O gado ficava solto para todo lado. No dia que dava uma chuva grossa, cê podia descer no barreiro estava todo mundo lá, o gado reunia todo no barro, o sal era difícil, ele comia mais era barro, lambia o sal do barro.



BARREIRO

Cada quem tinha sua criação, era tudo misturado, o dos fazendeiros e do povo, todo mundo criava, quem não tinha nada criava 2 ou 3 gado. Da vaca do fazendeiro tirava 4 bezerro ganhava 1, se tivesse só um bezerro ele pegava um quarto do bezerro, de 4 um. Trabalhei de vaqueiro, ganhava cria, foram 10 anos.” **Sandoval Araújo Dias**

“Criava pouco gado, meu pai criava vaca, matava, retalhava, secava e a gente comia. Criava porco, galinha, só comia gordura de porco, era latas e latas de banha, lombo, cortava as carnes, cozinhava, fritava e guardava nas latas. Hoje eu não tenho nenhum porco, quando nós chegemo aqui, trouxemos uns porco, ficava ai no varjão, depois tiremo, estava dando prejuízo aos vizinhos, não dava conta de criar fechado, vou comprar um leitãozinho para criar. Galinha até hoje eu crio, alimento com milho, arroz.” **Carmosina Francisca Soares**



GERSON MOREIRA RIBEIRO

“De primeiro era assim, não tinha cercas, as cercas eram cercas só de roça, fazia as roças e cercava, o gado ficava no varjão, criava no varjão, ia buscar o gado para fazer uma matutagem, para ferrar, uma vez por ano tem a ferra, mês de maio, era o tempo de vender bezerro. Os vaqueiros não tinham condição de criar, era só vender os bezerros, pega os bezerros e entregar de novo, já ia pegando o dinheiro antes, tem vez que não ficava com nenhum, ainda ficava devendo para o patrão, e continuava na mesma luta. Eles soltava o gado no varjão, criava no varjão, aí quando era para ferrar, ia buscar, juntar esse gado, era o gado de todo mundo, comia tudo junto, tudo misturado, tinha o Traíra tinha o Brejo do Meio, Córrego Seco, Angico, tinha Zimburussu, Lajinha, o gado ficava tipo lote.

la lá de dia, juntava o gado, na boquinha da noite tocava de lá para cá, montado a cavalo, quando era de manhã cedo arrumava o gado, tornava a soltar para o varjão, um mês para pegar esse gado de novo. Curar curava lá na oração, de primeiro não tinha negócio de remédio para curar gado, fazia um benzimento e sarava lá, ninguém vacinava gado. O sal para dar para o gado, levava na cuia, pegava um punhadinho e colocava lá na garganta do gado, um saco de sal dava para muito gado, hoje você põe 3,4,5 sacos de sal numa cocheira amanhã tem que botar de novo, não tem sal mais.

O barreiro é uma terra que o gado ia lamber fazia as crateras de buraco e botou o nome de barreiro. Essa época quando dava o verão o gado ia comer o barro, sal dava nessa época uma vez por ano para o gado, por isso que o gado ficava roendo qualquer coisa, essa terra tinha qualquer coisa, veia de água salgada.” **Gerson Moreira Ribeiro**

“Tem um pasto que o meu genro fez, derrubou a mata plantou o pasto.” **Rufina Ribeiro**



GADO DE MARIA DA LUZ DIAS DA SILVA/DONA ROXA

“Tem as vacas, todo dia eu tiro leite, 10, 15, 20 litros de leite, a mulher faz queijo, faz requeijão, para consumir, para comer em casa. Meu pasto é só o que plantei, o pasto é pouco, o gado é pouco, são só 5 vacas, aqui nós somos uns 10 irmãos e cada um tem o seu aí. Aqui só não crio porco, crio galinha, essas coisinha.” **Ademir Mendes da Silva**

“Trabalho com roça de toco, formo, porque a criação precisa do pasto e sem o pasto não produz o leite, que é o pão de cada dia. Tem umas 15, entre vacas e bezerros, vendo o leite em Porto Nacional, compro as coisinhas para casa, compro os produtos para dá para o gado, ração, a gente tira deles mesmo para dá para eles também. Tenho os contratos, vendo o leite de casa em casa, tem uns 15 clientes, produzo 30 litros de leite por dia, só que no verão vai diminuindo, em agosto fica de 8 a 10 litros de leite, não diminui disso, faz queijo só para o gasto. Tiro, coo, enlitro e entrego, entrego de moto.” **Domingos Canuto de Sousa**

## O povo

“Ai meu Deus, a gente brincava muito, tinha pouca gente, meu pai morava perto da minha mãe também, aí juntava os filhos da minha mãe com os filhos dele, aí brincava bom. Era pouca gente que morava nessa Malhadinha, depois foi que foi rendendo mais, tudo parente. Eu casei com parente, casava tudo com parente, eu tenho duas noras, minha sobrinha duas vezes. Tive 16 filhos, só uma perca, tudo com parteira, minha mãe, minha cunhada.” **Carmosina Francisca Soares**

“Estudei no Mobral depois de casada, de filho, aí na Malhadinha, fiz o EJA, se o colégio aprontar, ainda vou de noite estudar.



RUFINA RIBEIRO

Tinha muito bicho, tatu, veado, jaó, jacú, hoje não tem mais não, o povo matou tudo. Ano que vem vou fazer 50 anos que estou nesse lugar, vim para cá em 1972. Eu tive 13 filhos, criei 3 netos. Eu adoro meu lugar, aqui tá ruim de água, secou as minas, abriram uma represa ali, e fez um poço artesiano. A terra é boa, tudo que planta dá, meus filhos estudaram aqui, depois foram para Pinheirópolis estudar, depois Gurupi, aí terminaram.” **Rufina Ribeiro**

“Eu casei em 1954 e mudei para cá, nessa casa bem aqui, era uma casa de palha.

Eu levava 30 litros de farinha daqui no Porto, na cabeça, a barriga estava para acola, buchuda, Marcelo com uma quarta nas costas, nos ia quando chegava aqui era seis horas, de a pé, tem vez saía daqui três horas da madrugada com candeia, chegava ainda esperava a balsa, atravessava ia vender as coisas, aí comprava meia garrafinha de querosene, o sal. O povo sempre matava gado, direto, ninguém ficava sem carne aqui, quando não comprava a vizinhança dava carne o suficiente até outro matar, e dava para você de novo. A gente comprava pedacinho, era baratinho também, era difícil o dinheiro mas era barato a carne, trocava por serviço. Marcelo a vida era com o saco nas costas, nas fazendas, e eu aqui mais os meninos, aqui na roça, brenhada. Fazia farinha, no final de semana que ele chegava ia levar essa farinha para o Porto, eu rancava, carregava na cabeça, pode ser de onde fosse, tinha um forno aqui em casa, dormia pouco, que era muita gente que torrava aqui, um parava, outro começava, tem vezes que parava, acabava de torrar uma, duas hora da manhã.



ANTÔNIA MOREIRA DE SOUSA

O Marcelo depois que o pai dele foi ficando velho começou a mexer com folia, o velho largou de mão e o Marcelo até o ano passado andou na folia, ele estava indo mas não ia mais em todas. A daqui ele que arrumava os pousos tudo, o alferes vinha mais o imperador, vinha para marcar a festa dia primeiro de janeiro, marcava a festa, os pousos tudinho, primeiro era o do Borge que eles ia, chegava essa daqui, depois da Flor da Serra, depois do Adobe, mês de agosto no Mané João, e em todinhas ele estava, umas de 8, outras de 15, outras de 20 dias. A primeira folia que ele foi, foi de 22 dias, eles que botaram essa folia, inventaram, saiu uma folia preminente, aí eles botaram outra folia, foi 22 dias no mundo. Ele aprendeu com o pai dele, ficava o pai dele cantando e ele atrás, quando eles chegava aqui ele acompanhava, agora ficou umas meninada aí.” **Antônia Moreira de Sousa** \_\_\_\_\_

“No Morro Redondo tem os Araújo Dias e os Araújo Sousa, misturou os Araújo Dias, os Sousa, Ribeiro, os Pintos tudo misturado, aqui é tudo parente, Moreira é que não é, é do Piauí. Quando nós chegou praqui ainda tinha esse medo de índio, que aqui acola estufava um, quando era de maio para junho, que começava a ventar geral, se podia esperar que os índios passava, descendo ou subindo, só que aqui mesmo não alojava.

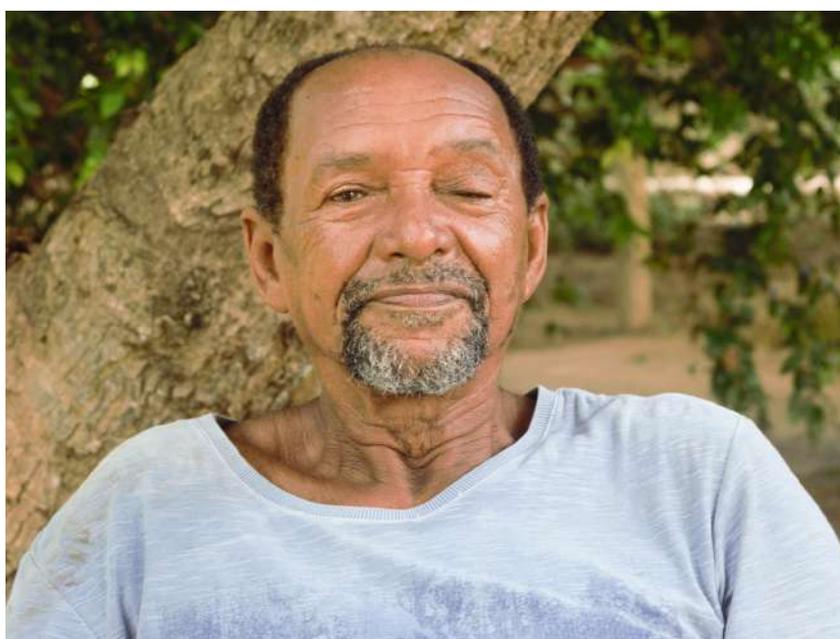
Eles desciam para pegar sal, essas coisas, tudo era de barco, barcão, pegava o rio Tocantins tacava no mundo, essa viagem era seis meses para ir, seis para voltar, um ano, levava carga, cereais, arroz, mandioca, farinha, milho, trazia sal e mercadorias.

Já tinha gado, os patrão ficava aí, muitos era empregado assim, era vaqueiro do cara, já tinha acabado a escravidão, mas trabalhava para o cara, porque de primeiro a escravidão acabou, mas para aqueles velhos a escravidão não acabou, eles não conformava em ficar sem trabalhar, trabalhava para o seu senhor mesmo.

Nossas famílias é descendentes de quilombolas, minha tataravó era ferrada, a Ismênia, e esses é que chegaram para aqui, é quem situou aqui, aqui era o esconderijo. É tudo explorado de garimpo, eu não conheci nenhum garimpeiro aqui dentro, você só vê os monte de trem.



MARCELINO RIBEIRO DE SOUSA E FOLIÕES



SANDOVAL ARAÚJO DIAS

Tempo dos meus avôs ia para Marabá, meu pai mexia com roça e gado, ele sempre foi vaqueiro. Hoje nos tem energia, casas, cestas básicas, tem uma grande melhora, faltava um vereador, agora nós tem, e ele vai trabalhar para nós tudo.” **Sandoval Araújo Dias**

“No Adobe tem os Mendes, Silva, no Sucupira Pereira, Rodrigues, Silva, no Planalto, Araújo Dias, Araújo de Sousa, no Barreiro, Araújo dos Reis, Araújo Dias, Dias dos Reis, no Centro os Ribeiros, Moreira, Araújo Dias, Morro Redondo, Ribeiro, Ribeiro de Sousa, Araújo Dias, Araújo de Sousa, Pinto Xavier, no Papagaio Ribeiro de Sousa, Araújo de Sousa, todos os sobrenomes são interligados, todos são família, menos os Moreira.” **Gederson Moreira Cezar**

“Meu pai contava que os escravizados abriram um rego daqui do córrego até o rio pra que eles não pegassem água no rio, pra que eles pegassem aqui, não fossem até a beira do rio. O rego que eles fizeram até hoje tem, justo esse rego transformou numa grotta, o povo chama grotta, a água corre do rio para o corgo nosso, se tornou um córrego e está aí até hoje. Dentro do lago tem uma cerca de pedra que eles fizeram para esconder dos revoltosos.

Os revoltosos, meu pai contava, meu sogro contava, foi na época dos pais deles, eles chegavam na fazenda de qualquer um que tivesse gado fechado, matava o gado e não tinha nada de combinação com o dono. Se eles estivessem num animal e o animal cansasse, ele ali largava o animal e pegava o do dono da fazenda, que eles chegavam e saia, era assim eles.



DOMINGAS MENDES DA SILVA, ADEMIR MENDES DA SILVA E SEUS DOIS NETOS

Eu nasci e criei aqui, meu pai morava aqui, quando nós ficamos grandinha fomos estudar em Porto. Quando terminamos os estudos voltamos para cá, eu arrumei um emprego de professora aqui mesmo na comunidade e comecei a trabalhar. Depois fui trabalhar em Brejinho, de Brejinho, voltei para trabalhar na comunidade, e até hoje eu trabalho na Escola Municipal Malhadinha. Adoro o meu trabalho, adoro todo mundo, porque eu considero todo mundo da comunidade como irmão, nós somos irmãos.” **Domingas Mendes da Silva**

“Aqui tinha os fazendeiros daqui, aqueles que tinha mais condição tinha mais, meu avô trabalhava de vaqueirisse, para um, para outro, cuidava do gado dos outros, não tinha recurso. De primeiro fazia doce, não vendia leite, nem carne não vendia, vendia gado inteiro, mas se matava uma vaca partia um pedaço para cada um e entregava nas casas, todo mundo fazia isso, você comia carne o tempo todo sem comprar. Quem não tinha condição roçava um pasto, fazia uma cerca, prum fazendeiro em troca de um gado para comer, comia um pedaço e o resto dava para o povo, secava a carne, e tornava entregar de novo.

Meu avô trabalhava de vaqueiro para todo lado, aí minha avó morreu, ele casou com outra mulher, que é a mãe de outra geração de meninos, da Bacaba, indo para Brejinho, mudou para Bacaba para trabalhar de vaqueiro, morreu lá.

Aqui de primeiro você passava quase um mês sem ir na sua roça, juntava muita gente, entrava numa roça 20, 25, 30 homens, hoje limpava a sua roça, amanhã a dela e ia indo, depois voltava um da casa para plantar, senão o mato voltava a nascer, depois era aquele mutirão de novo, para limpar, aí acabava. Você plantava dois três anos numa terra, hoje é que tem muita mundiça, você só planta um ano, acho que é o trator que traz essa mundiça. Roça de 4, 5 tarefa limpava num dia, as mulher atrás fazendo as coivara, e juntando o cisco e queimando, ficava limpinha a terra. De primeiro era mais unido, quantos mais coisa a pessoa tem, tem mais ambição.

Córrego Angico da cabeceira até na barra tudo dava ouro, a gente tirava o cascalho, na parte de cedo, depois do almoço lavava o cascalho, voltava o cascalho para dentro do córrego, e ia apurar o ouro em casa, 4, 5 hora parava de lavar e botava o pratinho de ouro na chapa, que é de esmalte, esquentava, soprava o esmeril e ficava o ouro, e era todo dia nessa luta.

Pegava o trecho onde tinha o melhor ouro, lavava as partes que tinha mais ouro, fazia a pesquisa, tirava na ponta da pá, aqui e acolá a gente sondava,

Isso foi na faixa de 91 até 93, nessa época era nós lá, o fazendeiro da Landi liberava nós para ter uma renda, a gente trabalhava na fazenda, aí como a gente ficou desempregado, ele deu essa oportunidade para a gente tirar o ouro, para a gente manter. Quando a gente tinha serviço parava, não era direto, ficava tirando enquanto não tinha serviço, quando tinha um serviço de pasto, de cerca, nos parava com o garimpo e ia para o serviço manual, e nós

pagava renda para ele 20%, o nosso a gente vendia, o dele ele guardava, fazia uma joia para ele.

Teve mineração em vários lugares, na Serrinha, cabeceira do Papagaio, um velho muitos anos atrás, na década de 70 para 80 ele rapava o cascalho no capim agreste, levava para o corgo e tirava o ouro dele. No Cabavida também teve, mas foi muito fraco, não foi muito para frente. Onde deu mais ouro aqui na Malhadinha foi no córrego Angico. No meu tio também, na lavra velho, aqui no Casimiro, tirou muito ouro também, no corgo Lago Grande meu pai também tirou, meu pai tirou pepita de 3 grama de ouro. Tudo manual com um coxinho de madeira feito de umburussu e a caixinha feita de madeira com forro de saco de estopa. Porque o ouro segura no saco de estopa, bota a tarisca, vai lavando no coxinho com o ralo, a areia vai descendo, de tarde pega o pano e vai apurar. Leva para casa no pratinho, seca, sopra, e separa o ouro do esmeril, bota o ouro no vidro e vai na cidade vender, toda quantidade que você, tirava, você vendia, lá nós não era empregado”. **Gerson Moreira Ribeiro**

“Aqui quando começou a mudar foi em 1992, melhorou o transporte, que não era fácil, antigamente o que você fazia tinha que levar em Porto na cabeça, a pé, ia e voltava, teve mais facilidade para comprar bicicleta, porque antes não tinha. Depois veio a energia, em 2004, 2006 mais ou menos, junto veio a moradia, muitas famílias tinha as casas de taipa revestida, as famílias eram grandes. Aí veio o arame para cercar as terras, de primeiro era só um pedacinho que você cercava que era de madeira, ficou mais fácil de vender os produtos, você leva com mais quantia. Mesmo que a roça de toco é boa, com a gradeação ficou mais fácil pode produzir mais.

A questão da escola, a escola aqui era só de primeira à quarta série primária, para o menino estudar não era fácil, tinha que colocar em Porto na casa dos outros, em Brejinho na casa dos outros, não dava conta de fazer duas despesas. Aposentadoria não era fácil, de primeiro porque quando um aposentava levava 1,2, 3 anos para receber, agora é mais fácil para o menino estudar, tem uma escola mais ou menos, tudo está mais fácil agora.



ARIADNE CEZAR NOGUEIRA TORRANDO FARINHA

Quando eu conheci a Malhadinha em 80 já era tipo eles chamavam de coletivo, já tinha essa tradição, começava do festejo, o pessoal mais velho, eles se organizavam, quem era o alferes da bandeira que despachava a folia não comprava nada, a comunidade contribuía, um dava frango outro dava porco. O imperador era do mesmo jeito, ele ganhava vaca, ele ganhava tudo, até o sanfoneiro ele ganhava. Então o pessoal não tinha aquela visão de vender, hoje o pessoal está interessado em ter lucro, antigamente aqui não tinha, era a festa, o reinado, e dar comida para o povo. Fazia muito bolo, isso até uns quinze anos, aí o pessoal mais novo foi influenciado, vamos tirar os gastos, aí foi fazendo tipo assim uma tradição com comércio, mas mesmo assim continua.

Tem umas pessoas que vai juntando o grupo, e até hoje tem um grupo maior que faz essa parceria, é uma organização de muito tempo, mas sempre tem que ter alguém para poder chamar, convidar, tem que ter força de vontade. O desafio é grande, trabalhar numa organização voluntária, tinha um grupo de jovens muito grande, mesmo que não tenha hoje um grupo fechado, quando você fala vamos fazer isso, todo mundo vai.” **Ariadne Cezar Nogueira**

“Francisca Dias dos Reis Araújo tinha uma dor de cabeça, problema de parto, aí fez promessa para São Sebastião para colocar ela boa. Foi em 1963 quando o Valdir nasceu, rezava todo dia 20 de janeiro ao meio dia, rezava todos os anos, tem 9 anos que ela morreu, e continua, por que ela pediu, pediu para que se ela morresse não deixasse o terço dela sem rezar, e nós continuamos.” **Madalena dos Reis Araújo**



MADALENA DOS REIS ARAÚJO

“A associação foi criada em 1993 com o objetivo de buscar melhorias para a instrumentalização das roças dos pequenos produtores, tanto que o nome da associação, o antigo, era Associação dos mini e pequenos produtores da Malhadinha. Aí fomos mudar, ficou Associação quilombola dos mini e pequenos produtores da Malhadinha, isso quando a comunidade foi reconhecida como quilombola. A comunidade foi reconhecida como quilombola em 2005, iniciou com um grupo de trabalho, tem o Iramar fazia históriação de teatro, mais a Ariadne. A Malhadinha criou um grupo de teatro que mostrava a importância, o GRUCONTO de Porto Nacional misturado com o movimento negro de Brejinho de Nazaré, Grujovem, juntando descobriu que Malhadinha era quilombola.



JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA NETO

A associação foi criada com esse objetivo mas não tinha muito incentivo do poder público, e a associação não pode misturar política com associação, mas sozinha também não vai para a frente, e não achou incentivo do Estado, país, município, e o certo é que ficou uns 10 nos parada. Em 2004 com o apoio da prefeitura tentamos levantar a associação, eu assumi a presidência, eu mais a Ariadne, arrumamos a documentação e um projeto do governo, conseguimos 200 sacos de adubo químico, eram 50 associados, distribuímos entre os associados e vendemos um pouco para pagar as dívidas da associação.

Depois conseguimos alguns projetos, na SETAS, no meio ambiente, plantamos mudas na beira do córrego, a associação realizou os projetos, prestou conta ficou tudo certinho. Saiu essas casas, o colégio, a obra está parada, mas está lá. Trabalhamos com o projeto IDARA, fizemos 28 casas, e como carona também a comunidade Curralinho do Pontal também recebeu as casas. A associação é importante e estamos com toda documentação para abrir a fábrica de polpa de frutas, já com selo. Estamos com um projeto engatilhado com a CONAB de compra direta, de 8 mil por pessoa, quase pronto para entregar produtos.” **José Ribeiro de Souza Neto**

“Os meus filhos ajudam de tudo, ajudam a roçar, vacinar o gado, botam um para ajudar aí, trabalham junto comigo, vem nos finais de semana, um trabalha na saúde, é agente de saúde, o outro é professor, formado em letras, e tem uma mulher que trabalha no colégio do estado, eu falo temos que fazer assim, eles falam tá bom, bota a mão na massa junto. Moram tudo em Porto Nacional. Daqui sai o pão de cada dia para todo mundo, tudo sai daqui da roça, leite, queijo, doce.” **Domingos Canuto de Sousa**



NAZARÉ PINTO BORGES DE SOUSA E SEUS NETOS

“É mexer com as galinhas, com peixe, com porco, eu faço a farinha, para minha despesa, faço até corante para mim comer, que eu não vou comprar estrato de tomate, tem que produzir daqui. Quando faço queijo que não dá para levar o leite, eu vendo doce, faço para despesa. Tem filho, tem neto, tem todo mundo, aí vem para cá, tem que ter as coisas para comer, o meu pai sempre dizia, se você for fazer tudo só pra suprir a cidade, tem que ter para se alimentar, de quem chega, primeiro tem que ser a casa para depois sair lá para fora. Os ovos, o queijo, o leite, o corante, a farinha, o arroz, o milho, o milho verde para comer, fazer um curau, uma pamonha, o quiabo, o maxixe, cheiro verde, tudo vai para eles.

Eu crio meus netos da hora que nasce até adulto, eles tem que aproveitar enquanto nós estiver vivos, assim como meu pai fez com nós, todo o final de semana está cheio de gente aqui, os grandes trabalha, os pequenos só para banhar, brincar. Graças a Deus meus filhos tudo ajuda, se nós não tivesse a ajuda deles, nós nem estaria assim, por que só nós dois com pouco ganho, renda pouca, meus filhos ficam lá mas ajudam a gente demais, eles dão força de tudo que eles podem.” **Nazaré Pinto Borges de Sousa**



URUCUM, "CORANTE", DE NAZARÉ PINTO BORGES DE SOUSA

“Aqui são duas famílias que mexe com a produção de rapadura, tem o pessoal da Sucupira, e tem o meu padrinho Marcelo, e os quatro irmãos que fazem também, a terra é pequena, e eles saem para trabalhar para completar a renda, trabalhar em outra fazenda, tem uns que roça pasto, outros vacina gado, e ganham diárias. O meu esposo ele é pedreiro, mas não dá trabalhar só de pedreiro, a renda da fazenda dá mais que a de pedreiro. Hoje estamos mexendo com galinha, tem ovo, é renda também, eu não compro galinha, eu não compro ovos, eu não compro farinha, eu não compro polvilho, nem vou comprar o milho.

Quem mora em pequenas comunidades não consegue viver só com o que produz, precisa de outra alternativa. Aqui em casa eu não tenho salário fixo, por exemplo, planta mandioca, paga uma pessoa para arrancar, eu faço a farinha, ele vende, as vezes até deixa o dinheiro comigo, pago as contas. O Gordão é professor, está precisando construir o quarto dele, ele compra o material o pai constrói, mas se está faltando alguma coisa aqui dentro de casa ele compra. O carro do pai dele as vezes estraga, leva para arrumar, ele leva, paga com o dinheiro dele, o outro menino que está em Brejinho trabalhando, quando está precisando de alguma coisa é na hora.

A nossa família aqui, Evanir dos Reis Araújo Moreira, vai fazer uma cirurgia, todo mundo ajudou. Ela pegava um frango para matar e pegava outro para mim. Aqui é a casa do meu sogro, a minha e de dois cunhados meus, somos um grupo de famílias que trabalha em conjunto, quando um não tem o outro tem, os meninos mexem com cana-de açúcar, mas quem sabe fazer rapadura é só o meu esposo e outro, mas nem por isso deixam de moer a cana do outro irmão, trabalha todo mundo junto.

Eu sou a maior torradeira de farinha da Malhadinha, minha madrinha Antônia tinha mandioca, meu padrinho Marcelo arrancava e eu torrava todinha, aqui é assim, tem várias famílias que a gente trabalha junto assim, já tem umas que não une mesmo. O PNAE funcionou, fez a DAP das pessoas, e o compra direta da CONAB, foi muito bom, fizemos um contrato com a CONAB em 2008, vendemos uns 2 anos para a CONAB, entregava nas escolas. Nós tivemos uma renda boa, pagava com 6 meses, entregamos muita coisa no compra direta do Ruraltins, aí parou por causa de selo. Nós não tinha nem noção e não tinha ninguém para capacitar, para saber como ia fazer, aí parou.

Temos agora um novo contrato da associação com a CONAB, tem uns que vai entregar frango, outros bolo, polpa, polvilho, paçoca de carne, paçoca de amendoim, amendoim, garioba, abóbora, nas escolas, tem vários produtos que vai entregar. Temos um selo que conseguimos, um selo quilombola, tem o SIM da prefeitura e tem o selo que conseguimos com a Xingu Rio, por causa da unidade de processamento, com indicação de nutricionista, código de barra e tudo. O selo quilombola Malhadinha é para todos os produtos, para rapadura e farinha a inspeção da vigilância vai ter que vir para visitar.

Tudo mundo tem, um planta abóbora, outra planta mandioca, outro quiabo, no compadre Argileu, tem de tudo, planta e vende a cana, para fazer rapadura e garapa, meu compadre Berto mexe com mandioca, tem a mandioca dele, pega mandioca na meia, faz farinha para outra pessoa, quando não tem serviço nenhum utiliza a mandioca dele. Nós tem a mandioca, a cana, tem os serviços da comunidade, o Gerson sabe trocar cerâmica, vai trocando a cerâmica, quando não tem mais cerâmica, tem a cana para fazer, é barato, mais é mais uma renda, funciona assim e dá certo. Hoje com três tarefas de terra, pai, mãe e dois filhos, você produz, dá para você se manter, tem algum servicinho fora que você faz, aí dá.

Eu fiz Pronaf para criação de frango, em 2004, foi 4 mil e 200, como Gerson é carpinteiro entramos com as tábuas, de contrapartida, deu galinha demais, ovos, vendi tanto frango, paguei o banco não fiquei devendo, se for para fazer, torno a fazer. Gerson fez para criação de porco, também deu tudo certo, não deve banco, não deve nada, já tinha um pouco de porco só comprou mais, já tinha mangueiro.

Juarez na Titira, no Manuel João, comprou o arame, já tinha um começo de banana, comprou gado, hoje tem banana, pasto e gado. Se você não desimbesta o dinheiro, claro que você não vai enricar de uma vez, não vai ter uma vida financeira da noite para o dia, para você se estabelecer como pequeno produtor rural, com um ano você tem renda, se estabelece com dois anos.” **Ariadne Cezar Nogueira**



CENTRO DA COMUNIDADE, REGIÃO DO PERIQUITO

“Antigamente violência era só se bater, hoje palavra também, em palavras tem muita mulher que é agredida, escuto falar, ainda tem homem que empurra mulher para lá, aqui ainda tem homem ruim. Não tem coragem de dar um creme de cabelo para a mulher, um vestido, deixa a esposa desmotivada, se ela quiser ela se vira, ela compra, tem mulher que trabalha muito mais, em vez dela comprar para ela, como ela quer que a casa dela fica bonita, ela compra uma televisão, um sofá, acaba gastando com mobília, na realidade aqui a maior parte dessas coisas quem compra são as mulheres.

Aqui na Malhadinha nunca teve violência de pai para filho, eu não conheci, até com 18, 20 anos tinha pai, vou numa festa, não, obedecia, antigamente até para tirar a barba tinha que pedir licença, a primeira vez. Nessa geração de hoje os pais não dão mais conta de executar seus filhos como ele foi criado. O respeito com os mais velhos, com os pais ainda tem muito.

Aqui falta oportunidades, empregos para os jovens, escola, os meninos saem daqui para ir para a faculdade vai de moto porque não tem um transporte, já chega tarde da noite, outros, os pais não tem condição de comprar nem uma moto, aí desmotiva, as vezes tem um parente que mora fora e acaba indo morar com ele para estudar e acaba saindo. Mas estímulo é importante aos jovens.

Tem um bocado de jovens que só fez o primeiro ano, o segundo, casou e mora com os pais e desmotivou de estudar.

Tem uns jovens que cresceram vendo os pais no sofrimento, esses foram desmotivados desde pequeno. Tem uns pais que não levaram os filhos para a roça, não ensinou, não teve aquele incentivo, menino que o pai incentivou, que levou ele, ensinou como era a lida no campo, ele não quer sair, tem muito jovem que gosta, que trabalha na roça, faz de tudo.

Antes da certificação a maior parte dos alunos não tinha nem ensino médio. Depois da bolsa permanência muita gente estudou, vai de moto, vai de dois, estão conseguindo fazer uma faculdade.

As pessoas que mais quer ajudar, igual a gente, que está na luta, que é militante, tanto quilombola, PJR, esses movimentos que tem, quem tem força de vontade para ajudar não acha um parceiro político para interessar, para ouvir as proposta, e quando você é convidado para um evento, um ribeirinho, um quilombola, um indígena, aí convida seu fulano de tal para compor a mesa, ele já vem com o horário agendado, fala e vai embora e fica nós, vai falar para quem, para nós mesmos.”

**Ariadne Cezar Nogueira**

---

“Os jovens gostam muito de Folia do Divino Espírito Santo, é na época do mês de julho, tem a folia, os jovens participam bastante, tem dança, eles ficam até muitas horas, cantam dançam, viram a noite. Tem muitos jovens que tocam, ainda mais quando os mais velhos são parentes deles, como se fosse uma tradição vai passando de pai para filho, eles já nascem quase com esse dom, tem muitos aqui que já sabem tocar os instrumentos da folia, tem a caixa, o pandeiro, e a viola.”

**Eduardo Gabriel Ribeiro da Silva**

---

“Para o jovem é importante o lazer, a oportunidade e emprego, hoje o jovem não quer saber muito de roça, ele acaba saindo para a rua, alguns por causa dos estudos, porque não tem a faculdade na comunidade, sai para Porto, Palmas, Gurupi, até para fora do Estado, em busca de uma melhor qualidade de vida, entre aspas, porque eles acham que aqui não é possível ter essa qualidade de vida.

Mas é porque vem de muito além da agora, é tudo uma questão que os pais priorizaram na vida deles, eu por exemplo, meu pai e minha mãe priorizou o estudo, independente de qualquer coisa, meu pai sempre falava que como eles não teve oportunidade, tiveram que trabalhar muito cedo, a única coisa que eles podiam dar para mim de valor era condição para estudar, meu pai nunca disse que eu tinha que ir para a roça em vez de ir para a escola.

Na faculdade, teve a questão da bolsa de permanência, que a gente lutou e conseguiu ter, entrei por cota e consegui a bolsa, eu e mais 11 pessoas, na época que eu entrei na geografia, foram 11 pessoas na geografia da comunidade, depois foi saindo, ficou eu, Sena, Tiago, Junior, uns foram para a engenharia ambiental, civil, nutrição, enfermagem, só nós que ficamos na geografia, em Porto, outros desistiram.

No meu tempo eu tive que ir para Porto para estudar, por aqui só tinha até a quarta série, hoje já tem ônibus do estado que vem buscar de manhã, de tarde, e passa praticamente na porta de todo mundo. E mesmo assim tem muita gente que desiste da escola por que não tem aquele incentivo em casa dos pais falarem, eu prefiro que você estude do que trabalhe. Até mesmo porque, em certas situações a renda que ele tem de serviço braçal é praticamente 50% da renda da família, aí fica aquele dilema, as vezes os pais não tem nenhuma profissão a mais, só vive da roça e acaba que vai ajudando os pais e não priorizando o estudo.

Essa escola que tem aqui é o multiseriado até o quinto ano, e a nova escola é uma escola grande tem 6 salas, vai poder abrigar muitas séries, o projeto era uma escola agrícola, mas mudaram, e agora é para fazer até o terceiro ano do ensino médio e algum curso profissionalizante pela demanda do município. Por exemplo, o município é rico em piscicultura, faz algum curso técnico ligado a piscicultura, tem demanda de agropecuária, vamos fazer um curso de técnico em agropecuária, técnico agrícola, está nesse pensamento. Já retomaram as obras e estamos com a esperança de terminar até novembro, já está quase pronta, falta pouca coisa.” **Gederson Moreira Cezar**



ESCOLA MUNICIPAL MALHADINHA

“Ser quilombola é estar constantemente lutando por tudo, pela permanência na comunidade, pela melhoria de estar na universidade. Porque hoje eu creio que a população negra do Estado do Tocantins não tem nem 2% na universidade, até em 2015, 2014 tinha 1,5 % de negros na universidade. Quando a gente entra na faculdade e retorna para a comunidade, isso para mim é ser quilombola porque eu estou buscando o conhecimento e voltando para retornar e ajudar as pessoas da melhor forma.

É você estar constantemente lutando por uma melhor igualdade, desmistificando muita coisa que a literatura prega errado sobre o quilombo, sobre a vida de quem mora na comunidade rural, comunidade negra. Batalhar todo dia, lutar todo dia, e correndo atrás para que a gente não fique só se lamentando, por que o quilombo para mim é o melhor lugar para viver, não tem outro lugar melhor para viver do que no quilombo.

Porque eu tive várias oportunidades e acredito que das melhores que eu tive na vida eu consegui aqui, sai para fora para buscar outro conhecimento, universidade, curso técnico, e graças a Deus pude retornar e estar ajudando da melhor forma possível meu povo, ser quilombola é resistência.

Eu sempre morei na comunidade, sempre trabalhei com meu pai na roça. Tive que sair para Porto por volta dos meus 4 anos de idade porque aqui só tinha antiga quarta série, fui morar com minha avó em Porto. Aí fui estudar na Escola Família Agrícola de Porto Nacional, lá a base é a pedagogia da alternância, uma semana na escola, uma semana em casa, o conhecimento que adquiria na escola tentava por em prática na propriedade, questão da agricultura, pecuária, forma de plantio de produção.

Em 2011 fui para Palmas fazer um curso de técnico em guia de turismo, fiz as três fases, guia regional, estadual e nacional incluindo a América do Sul. Trabalhei em algumas empresas, passei no vestibular em 2014 e vim para Porto, terminei em 2018, nesse período durante o dia eu ficava na comunidade ajudando na lida, na roça, e a noite ia para a faculdade, fui bolsista do programa de bolsa permanência do governo federal que contribuiu bastante com a minha formação.

Formado trabalhei na empresa como analista ambiental, na empresa de energia de alta tensão, Xingu Rio e depois consorciei esse trabalho com a escola aqui na comunidade. Sempre estive a frente da associação com os trabalhos de associativismo, em alguns eventos culturais da comunidade e logo veio a possibilidade de ser vereador, no ano de 2019, 2020, fui eleito agora a meta é trabalhar em prol da comunidade.” **Gederson Moreira Cezar**

## Quiolimpiadas

“Aqui na comunidade algo que nós jovens faz muito é o futebol, todos os dias a tarde nós pratica futebol, também tem muitos que gosta de correr, praticar alguns exercícios físicos. Na quiolimpiadas reúnem várias comunidades, como Córrego Fundo, Manoel João, Currálinho e uma escola de Brejinho de Nazaré para realizar os jogos.

As quiolimpiadas não é um momento de competição é mais para lazer e reunir todo mundo para estarmos conhecendo novas pessoas. Tem prova de futebol, vôlei, gincana de prova de maçã, ovo na colher, maratona, e outras modalidades do atletismo, tem concurso da beleza negra, salto em altura, salto em distância, pergunta e resposta, corrida de 100 metros, revezamento 4 por 100, tem mais, mas não estou lembrando.

Futebol geralmente é para homens, porque mulher tem menos, vôlei é misto, o atletismo tem para homem e para mulher, maratona é geralmente só os homens, mas as vezes tem mulheres representando suas comunidades, a gincana é mista”. **Eduardo Gabriel Ribeiro da Silva**

“A quiolimpiadas é um projeto de um rapaz da região da sucupira, da Malhadinha, Edson Gleiber, ele teve a ideia, juntou com minha mãe, e os dois tentaram executar, acho que foi em 2014. Aí eles fizeram algo meio local, pegou as regiões, uma equipe do Morro Redondo, uma equipe do Centro, do Periquito, uma equipe do Planalto, outra do Sucupira que se juntou com o Barreiro. E como a gente já estava na faculdade, eu o Sena, o Tiago e o Aldemir, falamos vamos ajudar, vamos pegar as comunidades de fora, mas tinha o problema da logística, da alimentação.

Começamos a pensar nas atividades, nas modalidades que não fossem só algo convencional, pensamos, uma olimpíadas quilombola tem que interagir todo o público, o mais jovem com o mais velho, e aí teve a prova do pilão, era duas pessoas pilando todas com a mesma quantidade de arroz, e o arroz que tivesse mais bem cessado, menos quebrado, mais inteiro e menos sujo ganhava. A prova de carregar lenha, deixava a corda e o pano para fazer a rudia<sup>2</sup>, tinha que ser pessoas com mais de 50 anos para fazer essa prova, a pessoa amarava a lenha colocava na cabeça e fazia um percurso com um tempo cronometrado, e quem tivesse o melhor amarrado do feixe de lenha, a melhor rudia e o melhor xaxado<sup>3</sup>, caminhasse melhor, ganhava a prova.

<sup>2</sup>Rudia: pano já usado para carregar pote e lenha na cabeça.

<sup>3</sup>Xaxado: requebrado, jeito de caminhar, estilo de carregar.





## QUIOLIMPIADAS

No primeiro ano foi local, no segundo já teve mais pessoas envolvidas, criamos a organização e a diretoria, a organização ficava no geral e a diretoria no específico, na execução das modalidades. Fizemos com mais comunidades de fora, da Malhadinha ficou só uma, veio a comunidade do Córrego Fundo, Manoel João e Currálinho, e pegamos uma turma da escola estadual Padrão de Brejinho, estudavam alguns quilombolas e queriam conhecer uma comunidade quilombola.

No outro ano foram seis comunidades, Malhadinha, Córrego Fundo, Currálinho, Manoel João, Dona Juscelina de Muricilandia, e Pé do Morro, depois veio uma turma do ensino médio de Brejinho e depois de Paranã, hoje estamos com 6, 7 comunidades que sempre vem.

Não tivemos em 2020 por causa da pandemia. É muito bom, interage com outras comunidades, através das apresentações culturais a gente aprende mais a cultura deles, os mais velhos que não competem ficam conversando com as pessoas mais velhas daqui, trocam experiências, trocam produtos, levam sementes, mudas, plantas, levam daqui, trazem, já levam rapadura, leva farinha, compram banana, compra murici, compra tudo, é muito bom essa interação com eles.



GEDERSON MOREIRA CEZAR

Geralmente é no final de agosto e começo de setembro, e sempre tem essa expectativa dos moradores daqui, principalmente os mais jovens. No sábado faz a festa, fazemos tudo na parceria, a gente não tem um caixa específico para a quiolimpiadas, todo mundo arregaça as mangas, pedi para um, para outro, e o poder executivo ajuda, algum empresário doa um lanche. Acho que em 2018, ou 2017, no sábado à noite, depois da apresentação cultural, tinha de 1.100 a 1.200 pessoas, teve uma apresentação do Cine Brasil, estavam rodando o Brasil inteiro, mostravam filmes culturais, acho que passaram foi o Besouro.” **Gederson Moreira Cezar**

“A quiolimpiadas, os meninos sentam aqui para montar o que vai fazer, monta o cardápio, nós começa a fazer sem nenhum centavo, vende picolé, doce de leite, geladinho, cocada, um ex-vereador deu um lanche, outro deu outro lanche, outro deu a verdura, uns dá frango, conseguimos tudo e o que vendemos pagamos o gado. Fizemos parceria com a secretaria de saúde, de assistência social de Brejinho, dão os materiais descartáveis, o CRA e o Ruraltins dão frango, dão feijão, tudo parceria. Se precisa avisar sobre o bolsa família eu vou, agora quando precisa deles eles ajudam, quando precisa do carro, de remédios, cesta básica, eles ajudam, é parceria. Eu acho a nossa organização muito boa. Você não pode ser uma comunidade fechada demais.” **Ariadne Cezar Nogueira**

### Impactos na comunidade: Hidrelétrica e linhão da XRTE



TORRES DO LINHÃO DA XRTE NA REGIÃO DO BARREIRO

“No meu ponto de vista a passagem para nós do linhão da XRTE é positiva, a negociação com a associação é positiva. Ganhamos a reforma do barracão de nossa associação, tudo novinho, não foi reforma foi uma construção mesmo. A indústria de beneficiamento de polpa de fruta, hoje a gente já tem ela toda prontinha, equipada, com a licença do MAPA, com selo, com uniforme. Tem a engenheira de alimento que está aí para capacitar, teve a capacitação, ela está disponível para fazer os primeiros processos, a embalagem ainda é por conta deles, tudo muito positivo. O que nós recebemos poderia ser maior se houvesse mais tempo, mais informação, com certeza nós teríamos algo bem mais benéfico para o nosso futuro. Eles fizeram o estudo, mas quando chegaram já vieram com o que a empresa podia beneficiar, e foi isso que no momento se aceitou, mas acredito que poderia ter sido mais.



BARRACÃO DA ASSOCIAÇÃO O CENTRO DA COMUNIDADE, REGIÃO DO PERIQUITO

Teve diálogo com a comunidade, reuniões, mas é lógico que já veio com a coisa pronta. A nossa indústria hoje está legalizada, se nós trabalhar unidos aqui dentro será o nosso grande trunfo dessa negociação, que é nossa independência financeira.” **Marlene Araújo Dias**



MARLENE ARAÚJO DIAS

“A associação também negociou com esse linhão que passou aí, creio que na época esmorecemos um pouquinho, senão tinha ganhado muito mais, por que eles vão ganhar bilhões em cima disso aí, mas estamos com o auditório da associação construído, na época de 52 currículos que a associação entregou, contratou 32 pessoas.

O impacto da hidrelétrica foi no lazer e na pesca, era costume de todo sábado e domingo, se via uma carga de gente caminhando para o rio para pescar, de pé, bicicletinha, cavalo. Pescar cabeça de cavalo, mandi moela, mandizinho, cabeça seca, trazia fieiras e fieiras de mandi para comer, aí com a enchente do lago acabou, o cabeça de cavalo, o corró, a tubarana branca, não tem mais ladina, que subia no córrego, acabou vários peixes com o lago. Secou as minas, e não tem mais vazante na beira do rio, o povo plantava melancia, tomate, batata doce, cebola, amendoim, morango, tudo você plantava, acabou tudo, foi um prejuízo grande para a comunidade.” **José Ribeiro de Souza Neto**



FÁBRICA DE POLPAS

“Tem essa beira de rio que a Investco indenizou os fazendeiros, que era daqui da Malhadinha, Roque Pinto, Januar Fernandes, esse pessoal está em reassentamento, Brejinho, Santo António, um bocado foi para a cidade outros para os reassentamentos. Ficou essas terras, muita gente chegou invadindo aí, um senhor de Davi, loteou, está vendendo lotes.” **Gerson Moreira Ribeiro**



TERRITÓRIO INUNDADO PELA HIDRELÉTRICA NA REGIÃO DO ADOBES

“Aqui tinha mata e cerrado, pé de serra, cultura, aqui tinha um pedaço de varjão mas a hidrelétrica inundou tudo, nós usava, agora não tem mais varjão, está tudo debaixo d’água.” **Ademir Mendes da Silva**

### Melhorias necessárias

“A escola que está fazendo vai acabar em novembro, aí vai passar para lá, vai gerar mais emprego, pelo menos no papel está direitinho, vamos ver se na prática sai mesmo, a escola começou a ser construída em 2014.

Eu acho que a educação, apesar de ter acesso a internet para o menino estudar, mas tem muita gente que não tem condições de colocar internet, ainda vai para cima de morro pegar o sinal. Uma escola integral aqui era muito bom, vai de manhã, a tarde tem aula de reforço, tem muitas famílias que os pais, os avós não dão conta de ensinar tarefa para os filhos, 50% das mães não sabem ler. A situação financeira é pouca, não tem um lanche.

Tem pessoas com 30, 37, 40, 45 anos que não sabem ler e escrever, teve um EJA, eu até terminei o ensino fundamental, aí não teve mais, foi muita gente para a escola, minha comadre Rufina com 72 anos aprendeu a ler, muita gente aprendeu a ler, educação tem que ter.” **Ariadne Cezar Nogueira**



ESCOLA EM CONSTRUÇÃO NA REGIÃO DO PLANALTO

“Retornar as pessoas da comunidade que estudam em Brejinho para a comunidade, para também melhorar o aprendizado deles, porque quem sai para estudar no ônibus do estado, na escola estadual tem que acordar muito cedo, 5h, 5h40. E para quem estuda acordar todo dia cedo e passar o dia todo estudando até as 4 horas da tarde, se torna cansativo, mesmo tendo alimentação boa na escola, o aprendizado acaba sendo diferente. Aí o pessoal do município tem que sempre comer mais cedo, 9h30, 10h, tem que almoçar para pegar o ônibus, já chega de noite, que hora vai fazer atividade, de noite, perde o período da manhã, a tarde toda, e só chega praticamente a noite, não tem tempo para fazer atividade, fica mal feito.

Com a escola aqui, vai ter os períodos certinho, com a manhã ou a tarde livre, para fazer as atividades, e vamos voltar o EJA, estamos vendo a demanda de algumas pessoas, teve um EJA aqui o ano passado, inclusive muitas pessoas formaram no ensino médio e fundamental, fizeram a prova do ENSEJA passaram, agora já vão cursar universidade, mesmo com bastante idade, nunca é tarde para começar a estudar.

Tem os cursos convencionais, geografia, letras, mas não tem nada ligado a demanda da comunidade do território, seria bom se tivesse, em Arraias tem o curso de educação do campo, pela UFT, e seria muito bom ter um curso nesse sentido, não tem, mas nunca fomos na UFT para conversar em relação a isso. É algo para ser discutido e pensado, hoje temos a secretaria de educação do município bem aberta, acho que pode dar certo.

Muito bom de forma acadêmica conhecer melhor sua história, seus processos, ajudaria bastante, o ideal seria módulos que não precisasse sair da comunidade.

No sentido da universidade seria alguns cursos na área da cultura e resgate, muitas questões são esquecidas, as pessoas não dão valor.”

**Gederson Moreira Cezar**



EVANIR DOS REIS ARAÚJO MOREIRA

“Como nossa comunidade é grande, precisa de um posto de saúde equipado, que tenha dentista, que venha médico, vacina de campanha é beleza, mas dentista precisa muito.

Um transporte para carregar nossos produtos, nós não temos, para você levar tem que ter gasto para carregar, uns tem carro outros não. Falta informação para as mulheres, informação para parar de estar dependendo de marido, por que na realidade elas vivem mais do bolsa família. Não tem um incentivo de um curso, uma capacitação, de como trabalhar com artesanato, não tem nada assim e também tem muita mulher casada analfabeta, se você não

sabe ler, não tem uma informação adequada, falta palestras educativas, incentivo.” **Ariadne Cezar Nogueira**

“Aqui precisa de transporte, de uma estrada boa, saúde, no posto de saúde não tem enfermeira, uma boa educação aqui.” Antônia Moreira de Sousa

“Os jovens querem cursar uma faculdade melhor, uns 30 por cento ficam, muitos trabalham fora, trabalham em Porto e vem passar os finais de semana.

Falta aqui uma pracinha, para os jovens poderem praticar exercícios físicos, um lugar para se reunir, para conversar, e também palestras.

Com certeza uma escola de música poderia ajudar muito que através da música pode ensinar muitas coisas.” **Eduardo Gabriel Ribeiro da Silva**



MUSEU DA COMUNIDADE NO BARRACÃO DA ASSOCIAÇÃO

“Precisamos de projetos de geração de renda. Cestas básicas é importante, mas precisamos de projetos de governo federal, estadual e municipal, programa facilitado para pequeno produtor rural, para gerar renda, vamos criar um programa “Plantando e Colhendo”, tinha que tirar a burocracia do Pronaf e dar mais acesso, falta incentivo do governo para o produtor.” **José Ribeiro de Souza Neto**

“Falta só dinheiro, coragem eu tenho, eu queria investir em porco e em peixe, ração é cara, puxar energia.” **Gildete Araújo Dias**

“A água é um problema, tem muito pouca, o corgo é muito longe e seca, só fica os poços, na seca tem que dá água até para o gado. Aqui para melhorar a terra tem que ser maior, produzir mais criação e mais pasto, minha área é pequena.” **Domingos Canuto de Sousa**



### CABAÇAS NO QUINTAL DE MARIA DA LUZ DIAS DA SILVA/DONA ROXA

“Estamos pensando numa escola de futebol para os pequenos, aqui tem muita criança, e sem nada para fazer, acaba fazendo coisa que não deve, tem criança que até vai para boteco, não para beber, mas fica envolvida no meio, e acaba desencadeando outras coisas.

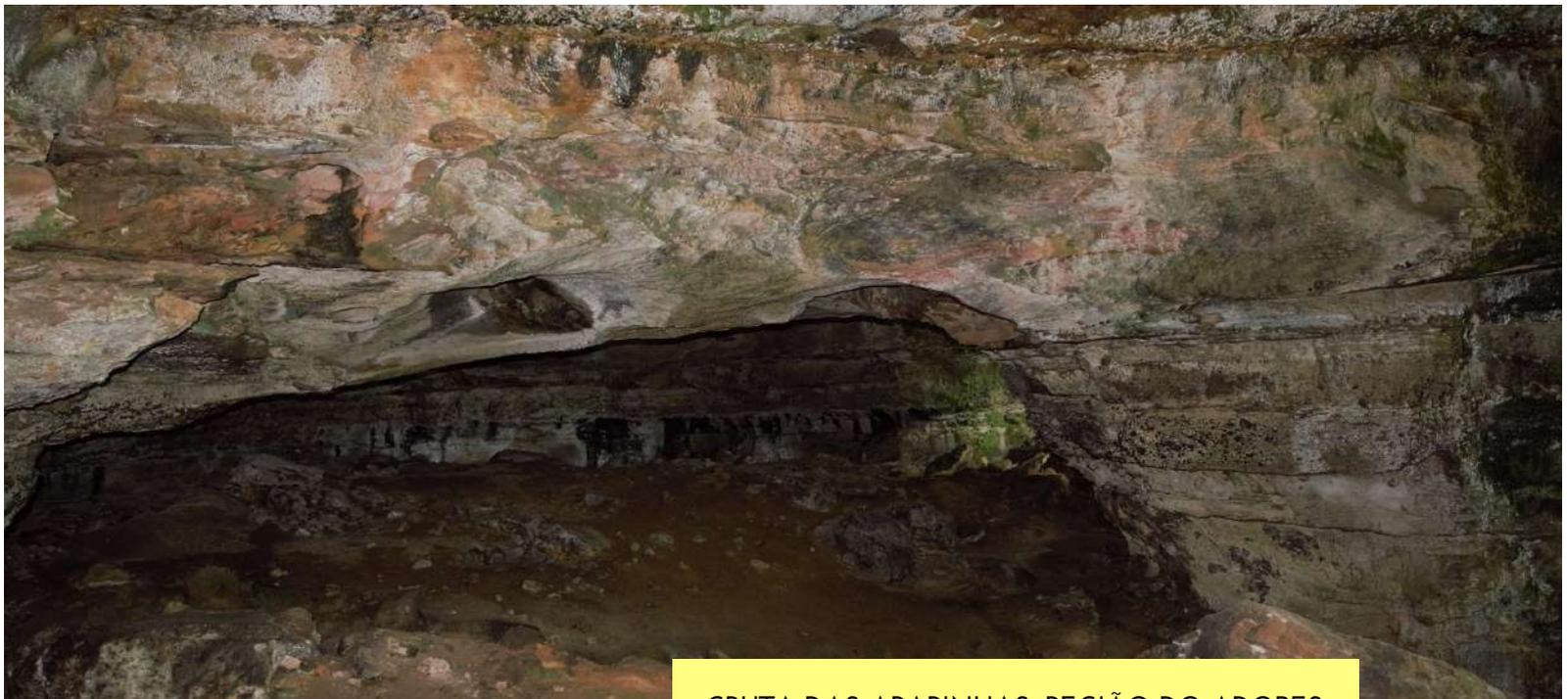
Programas de parcerias com outros professores para aulas de reforço, porque tem muitas crianças na comunidade que tem um certo bloqueio para o método de aprendizagem, não é culpa deles, as vezes os pais são analfabetos, então é uma demanda grande.

Para os jovens tem as oportunidades de emprego e lazer que seria para eles enxergar na comunidade potenciais para permanecer e cada vez mais valorizar a cultura, o espaço, o território, entender mais. Porque hoje, mesmo tendo sido reconhecido em 2005 como comunidade remanescente de quilombo, ainda é necessário entender melhor o que é o termo quilombola, trazer pessoas para falar sobre o assunto, sobre o território, as comunidades, trazer exemplos de outras comunidades, fazer intercâmbios.

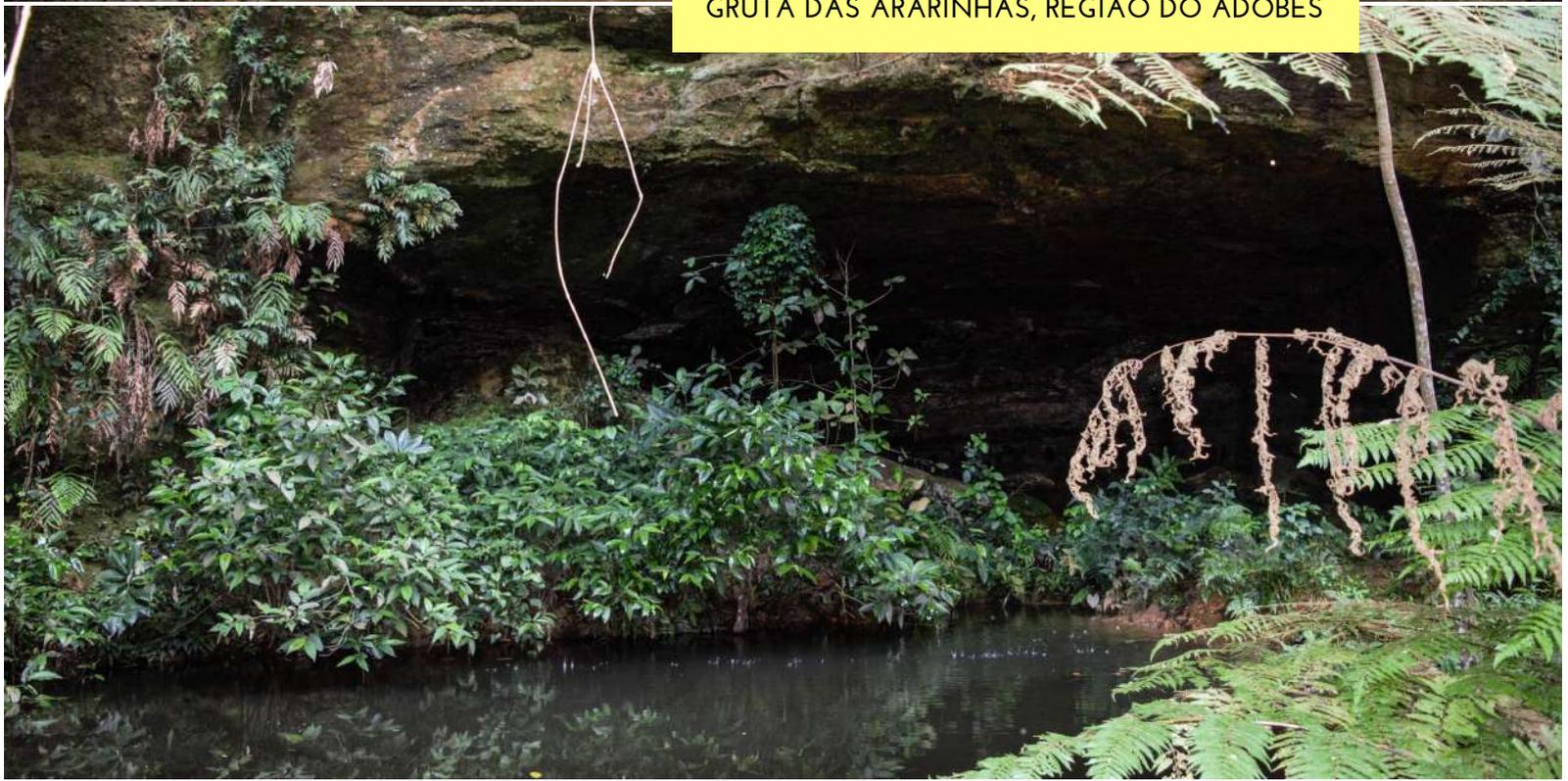
No lazer ter um campo de futebol gramado, um campo de vôlei, uma área esportiva.

Para os mais velhos, tem o problema do sedentarismo, ter um espaço para fazer atividades físicas, conversar com os mais novos, repassando seus conhecimentos tanto de cultura, como folias, rezas, crenças, comidas, para que tudo isso não morra, porque essa juventude tecnológica, vai passando e poucas pessoas vão valorizando.

Vamos lutar para trazer aulas de cursos profissionalizantes, você pode utilizar diversas fontes de renda, artesanato, inclusive artesanato local, como colher de pau, tapiti, peneira, pode fazer cursos para aprender, e ter a renda, possa vender, certos tipos de comida, fazer uma unha, um crochê, um bordado. Ter vários tipos de oportunidades de emprego para que a pessoa permaneça na comunidade, hoje a gente fala na permanência na comunidade, mas a gente não faz nada que possibilite ele ficar na comunidade, se esperarmos do poder público raramente vão trazer um curso, na cidade já não é fácil, imagina na comunidade rural.” **Gederson Moreira Cezar**



GRUTA DAS ARARINHAS, REGIÃO DO ADOBES





coeqto

Coordenação Estadual das Comunidades  
Quilombolas do Tocantins

ALTERNATIVAS PARA A PEQUENA  
AGRICULTURA NO TOCANTINS